



VINÍCIUS CARVALHO LIMA

**A CRÍTICA ROMÂNTICA À
MODERNIDADE: FACES DO ROMANTISMO
NAS ANÁLISES DE LÖWY, CÂNDIDO E
LUKÁCS**

LAVRAS – MG

2021

VINÍCIUS CARVALHO LIMA

**A CRÍTICA ROMÂNTICA À MODERNIDADE: FACES DO
ROMANTISMO NAS ANÁLISES DE LÖWY, CÂNDIDO E LUKÁCS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Direito, para a obtenção do título de Bacharel.

Prof. Dr. Gustavo Seferian Scheffer Machado
Orientador

LAVRAS – MG

2021

VINÍCIUS CARVALHO LIMA

**A CRÍTICA ROMÂNTICA À MODERNIDADE: FACES DO
ROMANTISMO NAS ANÁLISES DE LÖWY, CÂNDIDO E LUKÁCS**

**THE ROMANTIC CRITIQUE OF MODERNITY: FACES OF
ROMANTICISM IN THE ANALYZES OF LÖWY, CÂNDIDO AND
LUKÁCS**

Monografia apresentada à Universidade
Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Direito, para a
obtenção do título de Bacharel.

APROVADO em ___ de de 2021.

Prof. Dr.

Prof. Me.

Prof. Dr. Gustavo Seferian Scheffer Machado
Orientador

LAVRAS – MG

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e irmão por todo o amor e suporte que me oferecem, por todos os ensinamentos e exemplos que me transmitem e por toda a força que me possibilitam sentir mesmo nos momentos de maior descrença.

Agradeço à Laura, minha companheira, por toda riqueza e amor que diariamente me cerca no caminho que compartilhamos. Quando mais me atinge a fadiga são seus ombros que me amparam.

Ao Gustavo, orientador e amigo, sou grato por todos os espaços e oportunidades de crescimento que gentilmente me foram disponibilizados ao longo da graduação. O meu muito obrigado.

*O pão nosso de cada dia
a alegria nossa de cada dia
o amor nosso de cada dia
o trabalho nosso de cada dia
venham a nós
voltem a nós
de trem, de carro ou navio
não nos deixei cair em
lamentações
mas livrai-nos desse vazio*

Milton Nascimento - Oração

RESUMO

O romantismo é um fenômeno global que há mais de dois séculos se manifesta nos mais diversos campos de conhecimento e sob as mais variadas colorações políticas. Partindo de sua acepção enquanto *Weltanschauung* – uma visão de mundo complexa, na formulação moderna que desenvolveu Lucien Goldmann – ele tem seu *ethos* constatado na crítica realizada à modernidade em nome de um referencial nostálgico do passado. A contraposição entre os valores moldados pela ascensão da burguesia e os valores próprios de constituições de vida pré-capitalistas, guia o romantismo ao enfrentamento de uma série de fatores modernos como a dissolução dos vínculos sociais, o desencantamento, a quantificação e a mecanização do mundo. Esse trabalho busca analisar quais as contribuições críticas que tal corrente pode ofertar em uma crítica à modernidade. Para tanto, busca nas obras de Michael Löwy o mapeamento das principais correntes românticas, suas características de manifestação e objetos críticos mais comuns. Esse levantamento de Löwy é imbricado na análise de algumas obras e do próprio percurso político de György Lukács, filósofo húngaro cuja trajetória perpassa um itinerário romântico heterodoxo que combina literatura, religiosidade e política e que revela algumas possibilidades acerca do potencial e das limitações dessa corrente. Ainda se amalgamam ao trabalho, as formulações de Antonio Cândido, crítico literário brasileiro que desnuda os meandros da formação do romantismo no Brasil e seus impactos culturais e políticos.

Palavras-chave: Romantismo; anticapitalismo; modernidade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. CAPÍTULO 1: Michael Löwy.....	11
3. CAPÍTULO 2: György Lukács.....	25
4. CAPÍTULO 3: Antonio Candido.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO:

Desde meados do século XVIII, o romantismo tem sido utilizado enquanto termo definidor de uma série de manifestações de vieses distintos e até mesmo contraditórios, com uma “grande multiplicidade de atitudes e características”¹: “Inapreensível, contraditório e proteiforme, essa nebulosa parece escapar a toda definição, a toda caracterização precisa”².

Quase tão diverso quanto o próprio fenômeno em si são as formas de se proceder a sua análise. A mais comumente realizada se limita a relacioná-lo enquanto manifestação exclusiva do campo artístico, sobretudo da literatura, ignorando suas feições políticas. Se situam neste campo analítico, as definições que reduzem seu acontecimento ao contraponto do engessamento do “classicismo”³, pontuando-o como escola “fora das limitações clássicas”⁴ em forma e composição. Também em observação costumeiramente de exclusivo cunho literário, se encontram as tentativas de definição pela identificação de determinados valores presentes em algumas tantas obras que traçariam a essência romântica: “medievalismo, imaginação, culto às emoções fortes, subjetivismo, interesse pela natureza, pela mitologia e pelo folclore, mal do século, simbolismo, exotismo, realismo, retórica, etc”⁵. Como aponta Löwy⁶, a escolha de um traço e não outro enquanto signo de definição carrega certa arbitrariedade – levando à formulação de listas cada vez mais enumeradas para se driblar este obstáculo –, além do que, embora possam ter relevo considerável na obra de variados autores, a identificação

¹ CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. **Presença da Literatura Brasileira**: das origens ao romantismo. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. p. 246.

² LÖWY, M. **Romantismo e Messianismo**: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. P

³ LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 22.

⁴ CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A., op. Cit., p. 245.

⁵ LÖWY, M.; SAYRE, R., op. Cit., p. 23.

⁶ Ibid., p. 23.

destes elementos não fornece um devido preenchimento da lacuna conceitual do fenômeno, mas antes uma descrição do que se encontra em sua órbita.

De outra margem, mas também por uma perspectiva míope, o campo das ciências políticas carrega certa tendência em ignorar não apenas as manifestações artísticas do romantismo, mas também de fechar os olhos a alguns de seus desenvolvimentos políticos a fim de evitar o enfrentamento ao seu caráter antagonico. Com isto, arma-se um campo onde, de um lado, a forma política do romantismo é reacionária, contrarrevolucionária, conservadora e até mesmo pré-nazista; de outro, é inequívoco “sinônimo de revolução, dissolução social e anarquia”⁷.

Para além desses prismas unilaterais, existe um ângulo de análise que busca abarcar a diversidade das formulações culturais do romantismo considerando-o como “uma visão do mundo, uma *Weltanschauung* que se manifesta sob as mais diversas formas”⁸. Essa é a perspectiva de Michael Löwy, intelectual franco-brasileiro que se debruçou sobre o liame romântico em suas mais diversas ramificações. Além da teoria de visão de mundo em sua articulação proposta por Lucien Goldmann, o outro ponto elementar da hipótese de Löwy é o termo “*romantischer Antikapitalismus*” cunhado pelo filósofo húngaro György Lukács. Sucintamente, são esses os alicerces que levarão Löwy a sustentar a visão de mundo romântica enquanto corrente de oposição à modernidade capitalista em prol de valores e formas de sociabilidade do universo pré-capitalista.

Do extenso mapeamento que Löwy realiza acerca desse fenômeno, o presente trabalho apresenta, em seu capítulo 1, os meios de manifestação e os alvos de crítica mais comuns no seio romântico, além de uma tipologia de suas principais tendências.

⁷ LÖWY, M.; SAYRE, R., op. Cit., p. 26.

⁸ Ibid., p. 26.

As análises de Löwy também estão muito presentes no capítulo seguinte, onde é traçado um panorama da relação que o filósofo húngaro György Lukács irá desenvolver com o movimento romântico. Tendo participado dos círculos intelectuais da Alemanha no início do século XX, Lukács recebeu uma grande influência da corrente romântica, muito em voga no período. Suas produções mais marcantes da juventude possuem um lastro romântico revolucionário de notável fulgor, especialmente quando integram a heterodoxa combinação de política e literatura, revolução e religiosidade.

As contribuições de Michael Löwy e György Lukács acerca do romantismo são, em um terceiro capítulo, postas em paralelo com o perfil e desenvolvimento do romantismo no Brasil que é traçado nas obras do renomado crítico literário Antonio Candido. Muito embora Candido conduza suas análises balizadas pelas manifestações artísticas do romantismo – não manifestando juízo explícito sobre manifestações românticas independentes em outros campos –, ele as investiga, avalia e relaciona junto das formas da sociabilidade intelectual e da sua conexão com a sociedade, buscando ligações orgânicas entre produção literária e vida social⁹.

Além disso, conforme aponta Candido, de forma diversa da realidade de outros países, no Brasil a literatura assumiu papel de maior “centralidade do espírito” que a filosofia e as ciências humanas, condensando “as melhores expressões do pensamento e da sensibilidade”¹⁰ – sobretudo em períodos em que a formação de pesquisadores, técnicos e filósofos era materialmente impossibilitada. Essa relevância literária é identificável, sobretudo, no que toca às expressões do romantismo, essenciais para o desenvolvimento das noções pátrias culturais e sociais.

⁹ CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 129.

¹⁰ *Ibid.*, p. 119.

2 CAPÍTULO 1: Michael Löwy: a *Weltanschauung* romântica.

De forma geral, a análise que o intelectual franco-brasileiro, Michael Löwy, lança sobre o fenômeno romântico é a de maior densidade dentro deste trabalho, não voltando suas costas às variadas manifestações que ao longo dos campos de conhecimento, dos tempos e espaços do globo, se constituíram sob o signo do romantismo. A fim de preencher as lacunas comumente verificadas nas expedições investigativas do fenômeno, Löwy realiza um exame detalhado, rejeitando saídas fáceis ao desafio de se demonstrar uma unidade coerente em meio ao tumulto de cores assumidas nas ocorrências românticas.

Para lidar com esta pecha, Michael Löwy se utiliza de dois sustentáculos teóricos iniciais: a teoria de visão do mundo – *Weltanschauung* – aperfeiçoada pelo sociólogo da cultura Lucien Goldmann e a conceitualização romântica advinda das análises do filósofo húngaro György Lukács.

Embora Goldmann não seja um autor com muitas elaborações sobre o pensamento romântico – sendo as poucas constatações feitas, de um juízo desfavorável quanto ao caráter desta corrente –, através dele Löwy encontra uma moldura ampla e sólida o bastante para unir as manifestações românticas não apenas de ordem literária, mas também política, sociológica, teológica, econômica, jurídica, filosófica, histórica, etc.

Enquanto *Weltanschauung*, o romantismo é concebido como uma cosmovisão, uma “estrutura mental coletiva”¹¹, ou em outras palavras, como “um estilo de pensamento e uma estruturação de afetos, uma *Stimmung* (disposição)”¹² que pode ser apresentada de forma consciente ou inconsciente nas variadas esferas em que se estruturam a vida cultural. A manufatura deste estilo de pensamento ocorre dentro de um processo lento e perene de

¹¹ LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 34.

¹² LÖWY, M. **Judeus Heterodoxos**: messianismo, romantismo, utopia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 28.

(des)construção de estruturas significativas e coerentes que complexamente resultam “de um esforço coletivo, da ação das classes e grupos sociais”¹³ ao buscarem se adaptar e responder às situações da realidade exterior.

Segundo a hipótese de Löwy¹⁴, o elemento pulsante – do qual dependem todos os demais – da estrutura significativa romântica é uma oposição, ou uma contradição, entre os sistemas valorativos da modernidade, da sociedade capitalista e aqueles próprios do sistema romântico, do pré-capitalismo. Para a precisão deste cerne, entra em cena o segundo esteio teórico propulsor: a relação de oposição entre capitalismo e romantismo que de forma explícita é pioneiramente elaborada por Lukács em 1931, “na expressão: *romantischer Antikapitalismus*”¹⁵.

Nesta perspectiva de trabalho, o fenômeno tem sua gestação constatada ao mesmo passo em que se vão lentamente fermentando as transformações econômicas e sociais que desembocam no advento do capitalismo. Na segunda metade do século XVIII, ante uma modernidade que se consolida – “engendrada pela Revolução Industrial e a generalização da economia de mercado” – a erupção romântica vem à tona, revoltosa contra “o espírito de cálculo (*Rechnenhaftigkeit*), o desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*), a racionalidade instrumental (*Zweckrationalität*), a dominação burocrática”¹⁶.

Realizando a identificação da gênese romântica nesses termos e razões, a controvérsia sobre qual seria seu momento de desenredo ganha coloração distinta dos apontamentos normalmente feitos nos estudos de

¹³ FREDERICO, C. **Sociologia da Cultura**: Lucien Goldmann e os debates do século XX. São Paulo: Cortez, p. 70.

¹⁴ LÖWY, M.; SAYRE, R., op. cit., p. 39.

¹⁵ Ibid., p. 35.

¹⁶ Ibid., p. 39. “Como já constatado por Max Weber, as principais características da modernidade [...] inseparáveis do aparecimento do ‘espírito do capitalismo’.”

movimentos artísticos – em especial, literários – que situam a derrocada romântica ao final do século XIX:

Com efeito, se nossa hipótese – a saber, que o romantismo é por essência uma reação contra o modo de vida na sociedade capitalista – é justa, essa visão seria coextensiva ao próprio capitalismo. Ora, é forçoso constatar que, apesar de modificações importantes, o capitalismo conservou suas características essenciais até os nossos dias. [...] Portanto, a visão romântica instala-se na segunda metade do século XVIII e ainda não desapareceu.¹⁷

Não apenas o modo de produção capitalista e a sociedade moderna mantiveram suas características essenciais, como alguns de seus aspectos e efeitos – que recebem um enfoque da *Weltanschauung* romântica – galgam, com o decorrer do tempo, uma permeabilidade maior no tecido social.

De forma geral, a crítica que o romantismo elabora dentro da unidade capitalista tende a se voltar para três de suas facetas com suas características: as relações de produção, os meios de produção e o Estado com seu aparelho político moderno¹⁸. Embora algumas manifestações articulem a realização de oposição a “modernidade enquanto totalidade complexa”, ou seja, atentas às tantas cabeças que a Hidra de Lerna possui, outras desdobram seu trabalho sobre uma faceta apartada ou mesmo características secundárias¹⁹, o que não lhes impossibilita de ainda assim habitarem o campo romântico, mas lhes empobrece a coerência enquanto visão de mundo.

Dentre as características da sociabilidade burguesa mais ensejadoras de indignação à sensibilidade de trato romântico, encontra-se a já referida quantificação do mundo, “*éthos* do capitalismo industrial moderno”²⁰. Trata-se da lente que sobreposta à realidade faz com que o mundo enxergue e pense

¹⁷ Ibid., p. 38.

¹⁸ Ibid., p. 42.

¹⁹ Idem: “embora muitas obras pertençam ao romantismo de uma maneira ou de outra, e em maior ou menor grau, os que protestam contra a modernidade enquanto totalidade complexa, e integram a sua crítica o leque mais completo de facetas desse conjunto, encarnam da maneira mais adequada o romantismo como visão de mundo.”

²⁰ Ibid., p. 58.

a partir da frieza, da opacidade e distância da cifra monetária. Aponta Löwy²¹ que muitos românticos identificam na quantificação mercantil a mola que propulsiona o definhamento da imaginação, a padronização de vivências e experiências, o achatamento do tempo e do espaço e a deturpação das relações dos indivíduos entre si e com a natureza, transformados em meios e matérias-primas. A dissolução dos vínculos sociais que se liga a isto é outro ponto nevrálgico da revolta romântica que sente com agudez a pulverização das relações humanas. Há uma angústia pela incomunicabilidade entre as pessoas, pelo comportamento cínico diante do que é a existência alheia e pela solidão que se experimenta dentro e fora da própria pele, especialmente nos aglutinados centros urbanos²².

Ainda no conjunto de traços da modernidade sentidos como fel no paladar romântico se encontra a mecanização e artificialidade do mundo, oposta à organicidade, ao movimento dinâmico e à sacralidade da natureza. O assombro maquinal pode se dar tanto com relação aos indivíduos – seus sentimentos, pensamentos, atividades e relações (especialmente laborais) – que vão sendo articulados roboticamente, quanto ao Estado moderno²³, que de maneira cega ao caráter humano dos sujeitos vai organizando-os maquinalmente como engrenagens postas ao leilão daqueles que são proprietários. Frente a isso existirá uma diversidade de impulsos românticos

²¹ Ibid., p.59.: “o envenenamento da vida social pelo dinheiro e do ar pela fumaça industrial são entendidos por vários românticos como fenômenos paralelos, resultantes da mesma raiz perversa”

²² “Esses milhares de indivíduos, de todos os lugares e de todas as classes, que se apressam e se empurram, não serão todos eles humanos com as mesmas qualidades e capacidades e com o mesmo desejo de serem felizes? [...] Entretanto, essas pessoas se cruzam como se nada tivessem em comum, como se nada tivessem a realizar uma com a outra [...] Essa indiferença brutal, esse insensível isolamento de cada um no terreno de seu interesse pessoal é tanto mais repugnante e chocante quanto maior é o número desses indivíduos confinados nesse espaço limitado.” (ENGELS, 2008, apud LÖWY; SAYRE, 2015).

²³ “[...] muitos dos românticos consideram o Estado moderno, baseado no individualismo, na propriedade, no contrato e na administração burocrática racional, uma instituição tão mecânica, fria e impessoal quanto uma fábrica.” (LÖWY; SAYRE, 2015).

que vão de um retorno a monarquia até o completo expurgo de quaisquer concepções estatais em vistas de uma “livre comunidade social”.

Há ainda dois aspectos que Michael Löwy aponta enquanto de maiores predominâncias na estrutura de oposição romântica e que são, segundo Max Weber, caracterizadores de nossa época: o desencantamento do mundo e a abstração racionalista ²⁴. Na avidez de repintarem a vida que se esfumou pelas chaminés industriais, os românticos irão explorar um leque de canais que oferecem um substrato fora das racionalizações instrumentais e burocráticas próprias da civilização burguesa moderna. Um dos direcionamentos encontrados para o reencantamento é a natureza, suas formas e paisagens que são encaradas a partir de suas correspondências com a alma e a forma humana. Essa proposta de relação com a natureza pode ou não conter traços religiosos e místicos, que é um outro percurso de larga utilização nesta empreitada.

Além das formas religiosas tradicionais, como o catolicismo medieval, há um voltar de olhos também para a “magia, as artes esotéricas, a feitiçaria, a alquimia, a astrologia [...] os mitos pagãos ou cristãos, as lendas, os contos de fadas, as narrativas ‘góticas’ [...] os reinos ocultos do sonho e do fantástico”²⁵. No que toca ao uso do mito enquanto substância dessa estratégia, encontra-se, de acordo com Löwy, certa desconfiança na análise de alguns intelectuais devido a “sinistra perversão dos mitos pelo fascismo alemão, sua manipulação como símbolos nacionais raciais”²⁶. É uma desconfiança que tem razão apenas na medida em que, de fato, existe um tipo romântico fascista, mas é um dentre variados tipos que podem ter contornos também revolucionários e utópicos.

²⁴ “O destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e intelectualização e, acima de tudo, pelo desencantamento do mundo”. (WEBER, 1919, apud LÖWY; SAYRE, 2015).

²⁵ LÖWY, M.; SAYRE, R., op. cit. p. 53.

²⁶ Ibid., p. 55.

Na perspectiva que propõe Michael Löwy, o romantismo é visualizado enquanto um “*Gesamtkomplex*, um todo complexo de muitas facetas²⁷” que por “seu caráter fabulosamente contraditório”²⁸, parece fadado a ter na volatilidade seu único signo:

[...]ao mesmo tempo (ou alternadamente) revolucionário e contrarrevolucionário, individualista e comunitário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, retrógrado e utopista, revoltado e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensual.²⁹

Segundo a hipótese que se trata, essa policefalia tem sua unidade na oposição de dois sistemas valorativos, ou de outra forma, na “nostalgia das sociedades pré-capitalistas e uma crítica ético-social ou cultural ao capitalismo”³⁰. A partir desta unidade, Löwy realiza um mapeamento de quais são as atitudes e posições pautadas na relação de oposição e suas pretensões, ou não, de superação da modernidade. Resulta deste mapeamento que busca associar aspectos econômicos, sociais e políticos do fenômeno, um esboço de “tipos ideais”³¹ da manifestação cultural romântica. São tipos que são articulados e combinados de formas distintas por cada autor que desenvolve sua trajetória, por vezes, atravessando de um lado ao outro do espectro político sem incorrer em abandono do espírito romântico.

Consta dentre esses tipos ideais o de categoria restitutionista, com grande aderência de escritores e pensadores cujo desejo é restaurar o passado alvo de nostalgia no presente degradado em que se rejeita de forma geral a sociedade burguesa. Em esboços iniciais, esse tipo é chamado por Löwy de

²⁷ Ibid., p.40.

²⁸ Ibid., p.19.

²⁹ Idem.

³⁰ LÖWY, M., op., cit., p. 12.

³¹ LÖWY, M.; SAYRE, R., op., cit., p. 85: “Trata-se, nesse caso, de ‘tipos ideais’ no sentido weberiano. Entendam-se as construções do pesquisador que, por um lado, não pretendem ser as únicas possíveis ou válidas e, por outro, encontram-se frequentemente articuladas ou combinadas na obra de um mesmo autor.”

“passadista” ou “retrogrado”³², mas a terminologia é alterada em vistas de não se poder imprimir ao todo das manifestações sua faceta pejorativa. É uma tendência cujo borbulhar ocorre ainda no século XVIII, o que explica não apenas o impulso de se reverter a passagem para o capitalismo, mas também a expressiva indicação da Idade Média enquanto passado idealizado. Nos séculos seguintes, com o enraizamento capitalista, essa tendência romântica acaba sofrendo certa redução e adotando cores desesperadas, mas ainda conservando respaldo.

Outro é o mote do que será chamado de romantismo conservador, que tem suas aspirações na conservação da sociedade e do Estado na conjuntura que se verifica nos países que, em fins do século XVIII, não haviam sido expostos a Revolução Francesa, ou, no caso da França, aspira-se ao retorno do “*status quo* de antes da revolução”³³. Essas sociedades ambicionadas já se encontravam na marcha da modernidade e possuíam articulações capitalistas, mas por conservarem também articulações pré-capitalistas é que interessam a essa linha romântica. Diferente dos restitutionistas, os conservadores aceitam elementos do capitalismo nascente que coexistem com fatores feudais importantes ainda resistentes. Os momentos históricos anteriores a esse passado híbrido que é explorado também participam desta tendência, mas sua utilização incorpora uma função de legitimação de como se dispõem os elementos neste ínterim.

Já mencionado nesse trabalho, o romantismo de traço fascista foi uma das tendências culturais da qual tanto o fascismo alemão quanto o italiano se valeram na incorporação de uma série de temas. Não se trata, segundo Löwy³⁴, de tendência que assuma maior preponderância na análise global do fenômeno romântico, nem mesmo de identidade definidora entre a visão de

³² Cf. LÖWY, Michael. **Romantismo e messianismo**: ensaios sobre Lukács e Benjamin. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 15.

³³ LÖWY, M.; SAYRE, R., op., cit., p. 91.

³⁴ Ibid., p. 94.

mundo romântica e o fascismo³⁵. É um tipo em que a crítica romântica da abstração racionalista é preenchida por elementos obscurantistas – intolerância, irracionalismo, “culto irracional do ‘chefe’ carismático, da nação, da raça, etc”³⁶ – e em que a revalorização dos instintos e sentimentos é direcionada ao “instinto bruto em suas formas mais agressivas [...] o louvor da força e da crueldade”³⁷. Para orientação dessa perspectiva, os passados que mais se colocam enquanto almejados são vigorosamente dotados de traços belicosos, elitistas e escravagistas:

Os passados nostálgicos mais característicos são: a pré-história do homem bárbaro, instintivo e violento; a Antiguidade greco-romana em seu aspecto guerreiro, elitista, escravagista; a Idade Média – na pintura nazista, Hitler aparece às vezes como um cavaleiro medieval –; a *Volksgemeinschaft* [comunidade do povo] rural e os tempos míticos das origens.³⁸

Ainda no que toca a essa orientação através do passado, o romantismo fascista, de forma geral, a coloca acompanhada de um panorama de inovação no cenário futuro, recusando uma mera restituição.

É ainda típico dessa vertente fascista que em seu anticapitalismo se amalgame teores antisemitas – conectando os capitalistas, os ricos e a vida moderna a figura do judeu –, bem como uma irascível rejeição do comunismo e da democracia parlamentar.

A quarta categoria romântica da tipologia que se apresenta é o romantismo resignado ou desencantado, emergente sobretudo na segunda metade do século XIX. Diante de um fluxo industrial cada vez mais intenso e

³⁵ Ibid., p. 94. A incongruência entre romantismo e fascismo se mostra acentuada, no caso italiano, por seu “louvor da vida urbana, industrial e tecnológica, o culto da guerra moderna e o apelo para ir ainda mais longe na modernidade”. O mesmo se verifica na vertente alemã, onde a desconexão repousa na “dimensão moderna, industrial e tecnológica do fenômeno nazista, que se exprime tanto em sua cultura quanto em sua prática”.

³⁶ Ibid., p. 65.

³⁷ Ibid., p. 96.

³⁸ Idem.

uma distância das relações sociais pré-capitalistas cada vez mais dilatada, muitos românticos foram levados a dolorosamente aceitarem o triunfo capitalista. Essa aceitação pode os levar a adotar uma visão trágica do mundo ao se constatar uma “contradição intransponível entre os valores e a realidade”³⁹, ou a uma postura reformista, buscando formas paliativas para alguns dos percalços da sociedade burguesa – sem por isso deixar de se conformarem com o declínio cultural que o fenômeno do capitalismo industrial implica.

O romantismo resignado de veia reformadora não deve ser confundido com o romantismo reformador, uma outra tendência que, diferente do primeiro, ainda abraça a ideia de que os valores antigos podem retornar. Todavia, apesar de nutrirem essa expectativa e prestarem críticas imponentes – embora não de forma integral e coerente ao conjunto social da vida moderna –, os românticos reformadores prescrevem tímidas soluções, em geral reformas, jurídicas e legais e na “evolução da consciência das classes dirigentes”⁴⁰.

Por fim, em uma ótica significativamente diversa das tendências já apresentadas, Löwy aponta o romantismo de feitio revolucionário e ou utópico. Essa disposição romântica não se resigna diante do apogeu moderno burguês nem busca reformá-lo, tampouco ambiciona que as estruturas pré-capitalistas sejam transpostas de forma incólume ao presente. O passado é antes o combustível que inflama e inspira a queda capitalista e a edificação de uma utopia igualitária moldada por traços e valores comunitários de outrora:

O essencial é isto: a revolução (ou utopia) deve retomar certos aspectos, certas dimensões, certas qualidades humanas, sociais, culturais e espirituais das comunidades pré-capitalistas. Esta dialética sutil, entre o passado e o futuro, passa frequentemente por uma negação radical, apaixonada e irreconciliável com o presente, ou

³⁹ Ibid. p. 98.

⁴⁰ Ibid. p. 100.

seja, o capitalismo e a sociedade burguesa industrial.⁴¹

No interior deste romantismo utópico e/ou revolucionário, Löwy ainda distingue cinco subtendências. Há um romantismo jacobino-democrático, que se inaugura com Rousseau e se estende até os momentos imediatamente seguintes a Revolução Francesa; um romantismo populista, de grande pulsão na Rússia da segunda metade do século XIX, onde se opõe ao capitalismo industrial, à servidão e à monarquia em vistas do restabelecimento de formas de organizações sociais camponesas e artesãs batizadas pelo espírito comunitário; um romantismo socialista utópico-humanista, que se ancorando em valores morais e/ou religiosos anteriores à modernidade, critica as dominações e deturpações causadas pelos senhores do dinheiro e da indústria sobre a “humanidade que sofre”⁴² e engendram caminhos socialistas para o futuro; também um romantismo libertário – ou anarquista, ou anarcossindicalista – que encontra nas “tradições coletivistas pré-capitalistas de camponeses, artesãos e operários qualificados”⁴³ ferramentas que julgam poder sepultar capitalismo e o Estado moderno ao mesmo passo em que hasteiam uma sociedade genuinamente livre de classes.

A última das subtendências internas ao romantismo utópico e/ou revolucionário é o romantismo marxista. Antes de sua especificação própria, é salutar esclarecer que Michael Löwy não lança a insígnia do romantismo sobre Marx ou Engels, mas antes demonstra que há uma contribuição valiosa dessa visão de mundo para “a concepção marxiana do socialismo” e sua “crítica radical da civilização burguesa moderna”⁴⁴. Embora os pais do Manifesto Comunista vislumbrem as correntes românticas enquanto essencialmente reacionárias, há um reconhecimento da potencialidade de sua

⁴¹ LÖWY, 2008, op. cit., p. 17.

⁴² Ibid., p. 108.

⁴³ Ibid., p. 109.

⁴⁴ Ibid., p. 130.

crítica social em diversos autores⁴⁵. Além disso, a partir de 1860, Marx e Engels passam a alimentar um interesse e uma simpatia cada vez maiores sobre algumas formações sociais pré-capitalistas, como as “Markas”, comunidades rurais primitivas germânicas. Segundo Löwy, a atração que será exercida sobre os dois autores se deve à “convicção de que essas formações antigas incorporavam qualidades sociais que estavam perdidas para as civilizações modernas, qualidades que prefiguram certos aspectos de uma futura sociedade comunista”⁴⁶. E não é apenas nessa nostalgia que se situa o paralelo entre o pensamento marxiano e o romântico, mas, principalmente, na crítica da quantificação da vida – na forma cáustica como dinheiro atravessa as qualidades humanas –, no empobrecimento espiritual, intelectual, humano e cultural que a natureza do trabalho moderno implica ao trabalhador.

No romantismo marxista, o que se verifica é a perspectiva de metabolização de traços e passados pré-capitalistas enquanto vigorosos combustíveis e inspirações insurrecionais envolvidos no contexto da luta de classes, da emancipação proletária e outros tópicos caros ao marxismo:

O que distingue esse caminho de outras correntes socialistas ou revolucionárias de sensibilidade romântica é a preocupação central com alguns problemas essenciais do marxismo: a luta de classes, o papel do proletariado como classe universal emancipadora, a possibilidade de utilizar as forças produtivas modernas em uma economia socialista etc., mesmo que as conclusões sobre esse assunto não sejam necessariamente idênticas às de Marx e Engels.⁴⁷

⁴⁵ Dentre os autores citados por Löwy a exercer certa influência sobre Marx e Engels estão Thomas Carlyle – cujo enfrentamento da burguesia é chamado, em alguns aspectos, de revolucionário por Engels –, o economista político Sismondi – a quem Marx reconhece o mérito de demonstrar “de um modo irrefutável os efeitos mortíferos das máquinas e da divisão do trabalho, da concentração dos capitais e da propriedade territorial, a superprodução, as crises, a decadência inevitável dos pequenos burgueses e pequenos camponeses, a miséria do proletariado a anarquia na produção, a clamorosa desproporção na distribuição das riquezas [...]” – Charles Dickens, Honoré de Balzac, Moses Hess etc. (LÖWY, SAYRE, 2015, p. 121-123)

⁴⁶ Ibid., p. 123.

⁴⁷ Ibid., p. 112.

Dentre variados exemplos que a pesquisa de Michael Löwy e Robert Sayre fornece para a ilustração dessa perspectiva romântica – alguns representantes como o jovem Lukács, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, William Morris, etc – chama a atenção e parece pertinente tanto pelo período e localidade de desenvolvimento quanto pela importância política, o movimento social da Teologia da Libertação nascido no início dos anos 1960 no Brasil. Sua gênese ocorre no seio da Juventude Universitária Cristã do Brasil e logo permeia toda a América Latina com larga aderência sobretudo após 1968, momento em que eclodem simultâneas comunidades eclesiais de base, os “grupos de fiéis que se reuniam periodicamente para ler a Bíblia e discutir seus problemas sociais – e os escritos dos teólogos da libertação”⁴⁸.

Através da inflamação de uma antiga dimensão comunitária da Igreja e da articulação da “tradição ‘anticapitalista romântica’ do catolicismo”⁴⁹ que se une a uma análise marxista sobre a exploração imperialista, a Teologia da Libertação se opõe veementemente ante a privatização da fé, o individualismo e egoísmo modernos, as opressões da sociedade capitalista e sua divisão classista. A chave que encontram para uma saída anticapitalista é a da porta da comunidade, representada pela comunidade eclesial de base. Estas são moldadas pelas tradições e hábitos populares, especialmente aqueles de matriz rural resilientes aos processos de urbanização e modernização⁵⁰.

Em fins do século XX, a Teologia da Libertação ainda teve lugar de importância no papel desempenhado junto à resistência contra a destruição da floresta amazônica brasileira e o etnocídio indígena. Para o encampar dessa peleja, somou-se outro movimento social também de inspiração nessa *Weltanschauung*: a corrente ecológica, apontada por Löwy e Sayre como a mais enfática renovação da crítica romântica:

⁴⁸ Ibid., p. 216.

⁴⁹ Ibid., p. 217.

⁵⁰ Ibid., p. 218.

Provavelmente, de todos os movimentos sociais, a ecologia seja o que levou mais longe a crítica romântica da modernidade por meio de seu questionamento do progresso econômico e tecnológico e de sua aspiração utópica de restaurar a harmonia perdida entre o homem e a natureza.⁵¹

Ainda sobre o movimento ecológico e seus componentes românticos, Löwy e Sayre fazem salutares alertas – e que na verdade, podem ser estendidos ao romantismo de modo geral –, salientando que nem todas as tendências românticas que se desenvolvem no interior do movimento ecológico são capazes de ofertar alternativas realistas e condizentes com a conjuntura do atual desenvolvimento humano. Exemplos disso são as perspectivas ecológicas que na tipologia romântica anteriormente apresentada se encontrariam como passadistas e reformadoras. A primeira buscando a irrealizável tarefa de restauração das formas de vida pré-capitalistas e sua relação com a natureza; e a segunda, embora capacitada para o saneamento de uma gama de mazelas da modernidade, se mostra inapta em atingir o âmago da moléstia⁵².

Para Löwy e Sayre, a forma autêntica de possibilidade ecológica e romântica ensejadora de uma transformação profunda da realidade social se encontra na tendência utópica-revolucionária. Para eles, não se trata de recuperar o passado pré-capitalista, mas sim de galgar um futuro novo que possa contar com uma série de qualidades podadas pela modernidade como o encantamento com a vida, a gratuidade, o espírito comunitário, etc.

Essa perspectiva de “desvio pelo passado rumo a um futuro novo” busca, de maneira dialética, superar tanto a negação abstrata da modernidade – levando em conta as circunstâncias que se impõem no presente, conservando os avanços tecnológicos que serão submetidos a uma lógica social distinta daquela da circulação de mercadorias – quanto a apologia vendada da tradição

⁵¹ Ibid., p. 214.

⁵² Ibid., p. 268.

– não mascarando ou silenciando sobre as conformações de opressão, injustiça e sofrimento que se encontravam nas sociedades humanas anteriores, ao mesmo passo em que se utiliza de seus exemplos qualitativamente desejáveis e até superiores aos da modernidade como prova da possibilidade⁵³. Em que pese as grandes transformações revolucionárias socioeconômicas e político-militares que são imprescindíveis para o alvorecer desse Éden, é preciso reconhecer que, antes de mais nada, é necessário o desejo, o exercício da atividade imaginativa e a inconformidade com o “horizonte estreito do realmente existente”. É preciso que se tenha utopia, e nas palavras dos autores: “sem nostalgia do passado, não pode existir sonho de futuro autêntico. Nesse sentido, a utopia será romântica ou não será”⁵⁴.

⁵³ Ibid., p. 264.

⁵⁴ Ibid., p. 269.

3 CAPÍTULO 2: György Lukács: juventude romântico revolucionária

Junto da França e da Inglaterra, a Alemanha é um dos países onde é possível se constatar, em meados do século XVIII, o surgimento simultaneamente pioneiro de uma essência romântica⁵⁵. A partir do início do século seguinte, a tradição romântica se encontrará fortemente encarnada no tecido da intelectualidade alemã, como aponta Lukács:

[...] malgrado seu recuo temporário na metade do século XIX, a ideologia romântica foi a que mais influenciou os intelectuais alemães. E isto não por acaso. Suas formas correspondem melhor à situação dos intelectuais no meio da miséria alemã...⁵⁶

Embora a crítica cultural do capitalismo por vias românticas seja visualizada em todos os campos da intelectualidade alemã, a agudeza de sua manifestação mais sistemática e coerente se encontra nos círculos acadêmicos a partir do fim do século XIX. No decorrer desse século, em uma conjuntura onde o sistema feudal se encontrava em vias de desaparecimento sem que ainda o capitalismo industrial tivesse logrado um domínio absoluto, os acadêmicos alemães – em especial, “humanistas, filósofos, juristas, historiadores, cientistas sociais”⁵⁷ – gozavam de uma posição particular privilegiada e influente, que lhes valiam lugares dirigentes na administração civil e militar. O virulento processo de industrialização alemã que se dá de 1870 a 1914 afeta, desde logo, o poder mandarinal e a situação das camadas portadoras de traços pré-capitalistas⁵⁸, que tem seus valores culturais obliterados pelas exigências

⁵⁵ Todavia, diferentemente dos outros dois países, na Alemanha o romantismo figura já inicialmente tanto no pensamento quanto nas artes. LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015., p.80.

⁵⁶ LUKÁCS, G., 1949, apud LÖWY, M., **A Evolução Política de Lukács**: 1909-1929. São Paulo: Cortez, 1998, p. 33.

⁵⁷ LÖWY, M. **A Evolução Política de Lukács**: 1909-1929. São Paulo: Cortez, 1998. p. 38.

⁵⁸ Sobre a crise atravessada pelo mandarinato alemão Max Weber analisa: “Como os outros setores de nossa vida, a universidade alemã americaniza-se a passos largos. Estou convencido que esta evolução tocará inclusive as disciplinas nas quais o

do imperativo capitalista, genericamente calcado em critérios estritamente quantitativos⁵⁹.

Diante do desmantelamento de sua hegemonia cultural – desafiada por ricos empresários, técnicos e dirigentes de partidos –, os mandarins reagem com uma intensa e desesperada crítica à modernidade capitalista. Condensa-se assim, no início do século XX, um novo impulso romântico que se centra – embora não se resuma – nos centros acadêmicos, e que tem na oposição entre *Kultur* e *Zivilisation* seu núcleo:

Enquanto *Kultur* define uma esfera caracterizada por valores éticos, estéticos e políticos, um estilo de vida pessoal, um universal espiritual ‘interior’, ‘natural’, ‘orgânico’, tipicamente alemão, *Zivilisation* designa o progresso material, técnico-econômico, ‘exterior’, ‘mecânico’, ‘artificial’, de origem anglo-francesa.⁶⁰

Na tipologia elaborada por Michael Löwy⁶¹ acerca do romantismo, essa posição crítica se encontra no romantismo de feitiço resignado, com uma dimensão trágica pungente em vistas da constatação do insolúvel esfacelar de valores sociais e culturais pela marcha capitalista. Dentre os autores que se relacionam a esse momento, alguns adotam formas mais tradicionalistas e reacionárias, outros mais modernistas, até mesmo de aproximação a sindicatos e da social-democracia⁶². Tratam-se de orientações ideológicas diversas, mas que encontram seu denominador comum sob a alçada da crítica romântica.

trabalhador é pessoalmente proprietário dos seus meios de trabalho (essencialmente de sua biblioteca). No momento, o trabalhador de minha especialidade é ainda em larga medida seu próprio mestre, à semelhança do artesão de outrora no quadro de sua especialidade. Mas a evolução fez-se a grandes passos... Existe um abismo, exterior e interiormente, entre o chefe desta espécie de grande empresa universitária capitalista e o habitual professor titular do velho estilo.” (WEBER, 1963, apud LÖWY, 1998, p. 41).

⁵⁹ LÖWY, op. cit., 1998. p. 40- 41.

⁶⁰ Ibid., p. 42.

⁶¹ LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015., p. 98-100.

⁶² LÖWY, op. cit., 1998. p. 43.

No meio dos palcos aonde esse hermafroditismo ideológico romântico desabrochou durante o início do século XX na Alemanha, destaca-se o círculo de Max Weber, em Heidelberg entre os anos de 1908 e 1918, um dos principais centros de irradiação e elaboração intelectual dessa coloração anticapitalista da época⁶³. Embora bastante heterogêneo, no grupo formado em torno de Weber prolifera a tendência – dentre outras – de manifestação romântica através do retorno às religiosidades passadas, “como forma de rejeição radical do racionalismo burguês”⁶⁴, da sociedade urbana industrial e da artificialidade mecânica dos relacionamentos humanos dominados pela quantificação. Os componentes alvos dessa nostalgia romântica são o catolicismo e a mística da Idade Média, o judaísmo messiânico e, especialmente, a mística e a literatura russa encarnadas nas figuras de Dostoiévski e Tolstói⁶⁵.

Dentre os mais messiânicos e escatológicos participantes do círculo de Heidelberg estão os amigos Ernst Bloch⁶⁶ e Georg Lukács⁶⁷, fortemente ligados, até 1914, por “um utopismo ético e messiânico comum”⁶⁸. Antes mesmo de fazer parte do ciclo de Heidelberg, quando ainda se encontrava em Budapeste, Lukács já sedimentava sua “recusa apaixonada da ordem existente na Hungria”⁶⁹ em relações entre o socialismo e certa “essência religiosa”. Já integrado ao ciclo de Max Weber em 1911, ele publica sua primeira grande obra: “A evolução do drama moderno” – escrita em 1909 –, onde uma de suas

⁶³ LÖWY, M. **Romantismo e messianismo**: ensaios sobre Lukács e Benjamin. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 55.

⁶⁴ LÖWY, op. cit., 1998. p. 52.

⁶⁵ LÖWY, op. cit., 2008, p. 55.

⁶⁶ A importância de Bloch para Lukács foi colocada pelo filósofo húngaro como “um impulso determinante à minha evolução filosófica”. (LUKÁCS, 1969, apud LÖWY, 1998, p. 116).

⁶⁷ Marianne Weber, esposa de Max Weber, definiu Lukács em suas memórias como um jovem “a quem agitam esperanças escatológicas da chegada de um novo Messias” e que acredita em “uma ordem social fundada na fraternidade como precondição da Salvação” (WEBER, 1926 apud LÖWY, 2008, p. 56).

⁶⁸ LÖWY, M. **Judeus heterodoxos**: messianismo, romantismo, utopia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 67.

⁶⁹ LUKÁCS, 1969, apud LÖWY, 1998, p. 114.

teses é a ligação entre o socialismo e o catolicismo da Idade Média – ambos relacionados a valores transindividuais, coletivistas e criadores de *Kultur* – que são opostos e suprimidos pelo racionalismo – “este desejo de reduzir tudo a cifras e fórmulas”⁷⁰ – e a banalidade da sociedade burguesa⁷¹. Além disso, Lukács trabalha nessa obra outros aspectos da órbita romântica alemã: a reificação da vida, a substituição do qualitativo pelo quantitativo na modernidade, o intelectualismo – tendente “a decompor toda a comunidade, e isolar os homens uns dos outros”⁷² – e o aburguesamento da cultura moderna.

Além desse catolicismo, outras formas religiosas que carregam uma rejeição radical do mundo e, junto, a pretensão de sua superação através de um “milagre”⁷³, chamam a atenção do jovem húngaro: “ele é atraído tanto pelos cristãos místicos da Idade Média quanto pela filosofia religiosa russa moderna, pela religião hindu ou pelo misticismo judeu”⁷⁴. Todavia, seguindo a tendência geral do Círculo Max Weber, o fascínio maior de Lukács se ancora na espiritualidade russa e, em especial, na literatura de Dostoiévski, autor pelo qual Lukács nutrirá, ao longo da vida, admiração e repulsa, conforme se altera sua inquieta opinião sobre o romantismo e o messianismo. De início essa opinião é de intensa admiração.

O acontecimento da Primeira Guerra Mundial – encarada por Lukács como uma sandice própria de uma realidade social reificada e mecanizada pelo capitalismo⁷⁵ – proporciona a verificação de um colossal abismo entre “as tradições humanistas da cultura clássica e a realidade concreta da sociedade burguesa e do mundo capitalista”⁷⁶. Devido, em certa medida, a esse

⁷⁰ LUKÁCS, 1967, apud LÖWY, 1998, p. 121.

⁷¹ LÖWY, op. cit., 2008, p. 57.

⁷² LUKÁCS, 1967, apud LÖWY, 1998, p. 121.

⁷³ Lukács entende o milagre como “qualquer coisa (que) resplandece, sobressalta, cintila para além dos caminhos explorados; alguma coisa que perturba e seduz, algo de perigoso e surpreendente...” (LUKÁCS, 1974, apud LÖWY, 1998, p. 126)

⁷⁴ LÖWY, op. cit., 1998, p. 58.

⁷⁵ Ibid., p. 137.

⁷⁶ LÖWY, M. op. cit., 1998, p. 31.

acontecimento, Lukács e sua geração passarão por um processo heterogêneo de “politização”. Em 1916, ele publica “A Teoria do Romance”, um misto entre literatura e política, estética e revolução, concebido pelo autor enquanto introdução de uma monumental obra sobre Dostoiévski que acaba frustrada por sua convocação militar⁷⁷. No livro, ele analisa a arte clássica – dotada de uma harmonia celestial que advém da idealizada visão de Lukács sobre a unidade entre indivíduo e comunidade na Grécia arcaica⁷⁸ – e sua contraposição, o romance, forma própria da modernidade fragmentada, desencantada e, por vezes, desesperada:

Para o romance do século XIX, o outro tipo de relação necessariamente inadequada entre alma e realidade tornou-se mais importante: a inadequação que nasce do fato de a alma ser mais ampla e mais vasta que os destinos que a vida lhe é capaz de oferecer.⁷⁹

Ainda nessa obra, Lukács, define a “constelação” da contemporaneidade – tomando as palavras do filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte – como a “época da perfeita pecaminosidade”⁸⁰. Em seguida, Dostoiévski – e também Tolstói, embora não com o mesmo brio do primeiro – é apresentado como o arauto de uma nova era, “o Homero ou o Dante” que pode tanto ser o começo como já o próprio cumprimento de um novo mundo que emergirá na Rússia⁸¹. Trata-se de um luminoso elemento de esperança em meio à visão trágica reinante no pensamento alemão da época e do próprio Lukács, descrente de uma força social capaz de promover a vitória na luta contra o capitalismo. À par disso, em algumas anotações feitas a respeito do

⁷⁷ Ibid., p. 143.

⁷⁸ “Para Lukács, assim como para Dostoiévsky, a Grécia ideal, o paraíso terrestre, não é a próspera e refinada Atenas, celebrizada pela burguesia da Renascença à Revolução francesa. Contra este ideal clássico burguês, eles opõem o arquétipo de uma Grécia mítica e mitológica, reino imaginário de uma comunidade absoluta entre os homens e o mundo.” (LÖWY, 1998, p. 148)

⁷⁹ LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2009. p. 117.

⁸⁰ Ibid., p. 160.

⁸¹ Ibid., p. 161.

escritor russo, Lukács aponta que a contemporaneidade degradada pelo capitalismo talvez signifique – tal qual no messianismo judeu – o momento máximo de opressão e sofrimento que antecede à redenção, à continuidade de um paraíso perdido⁸². E é assim que a Revolução Russa de outubro de 1917 é vista por ele, como o cumprimento da profecia prenunciada por Dostoiévski, como algo além do próprio socialismo, como “a questão da torre de Babel, que se construiu sem Deus, não para atingir os céus da terra, mas para abaixar os céus até a terra”⁸³.

No decorrer do ano de 1918, o processo de “politização” que Lukács atravessa vai levá-lo a modificar sua visão messiânica. No artigo “O bolchevismo como problema moral”⁸⁴, ainda hesitante quanto às posições bolcheviques, Lukács questiona – profundamente inspirado pela ética de Dostoiévski postulada em “Crime e castigo” – sobre a pertinência da dominação proletária sobre a burguesia quando os meios empregados são os próprios da velha ordem burguesa⁸⁵. Seus questionamentos éticos dizem respeito tão somente às ações bolcheviques e ao uso da violência, não o impedindo de alterar o potencial messiânico que vislumbrava na civilização russa para a classe proletária:

[...] para que se chegue enfim à era da verdadeira liberdade sem opressores nem oprimidos, a vitória do proletariado é, claro, uma condição prévia indispensável – porque ela permite a liberação da última classe oprimida [...] Porque é esta a vontade que faz do proletariado o portador da redenção social da humanidade, a classe messias da história do mundo.⁸⁶

⁸² LÖWY, M. op. cit., 2008, p. 61.

⁸³ DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamazóvi**. 2. ed. São Paulo: Abril, 1973. p. 26.

⁸⁴ LUKÁCS, G. O Bolchevismo como problema moral, 1918, In: LÖWY, M. **A Evolução Política de Lukács: 1909-1929**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 314- 319.

⁸⁵ “Pode-se atingir o que é bom por processos maus, pode-se atingir a liberdade pela via da opressão; o mundo novo pode nascer se os meios para realizá-lo não diferem tecnicamente dos meios justamente detestados e desprezados na antiga ordem?” (LUKÁCS, 1918, In: LÖWY, M., 1998. p. 318).

⁸⁶ *Ibid.*, p. 316.

Semanas após a publicação desse artigo, Lukács irá, de forma súbita, aderir ao Partido Comunista Húngaro. Em seu primeiro escrito após a adesão ao partido, “Tática e ética”, ele já inicia sua busca de superação do dualismo entre “bem” e “mal” para “jogar-se de corpo e alma na torrente revolucionária”⁸⁷. Sua rigidez ética socialista tolstoiana⁸⁸ dá lugar, progressivamente, ao bolchevismo, conservando ainda por algum período um “moralismo ardente”:

Segundo Lukács, há situações trágicas, em que não se pode agir de maneira sem cometer uma falta, sem chamar para si um pecado. Portanto, é necessário escolher entre as maneiras de ser culpado aquela que é a mais justa: aquela em que o indivíduo sacrifica sua ética íntima particular, no altar de uma ideia superior, de uma missão histórico-universal.⁸⁹

De acordo com Michael Löwy, o que se opera na trajetória de Lukács é a alternância de uma visão de mundo para outra através da propulsão da ética que, direcionada à práxis, à ação, o leva à política. Mas isso é algo que só pode ser compreendido através da “categoria dialética da *Alfhebung*: ao mesmo tempo preservação, negação e superação”⁹⁰. Por isso, alguns elementos e preocupações de Lukács subsistem em seu recém-iniciado momento pré-marxista⁹¹.

Em um ensaio publicado em junho de 1919, “Velha e nova cultura”, ele realiza uma combinação entre marxismo e romantismo, explorando a oposição entre a ausência de cultura no capitalismo – pois ela é aniquilada pela produção acelerada que em um ritmo intenso substitui continuamente produtos “antigos” por “novos”, sem que ocorra um balanço de valor estético ou de utilidade – com a produção cultural de sociedades passadas como a

⁸⁷ LÖWY, M. op. cit., 1998, p. 165.

⁸⁸ Ibid., p. 157. “O termo ‘socialismo tolstoiano’ era empregado na época para designar, sobretudo, uma ideologia pacifista, antimilitarista e ‘não violenta’.”

⁸⁹ Ibid., p. 165.

⁹⁰ Ibid., p. 173.

⁹¹ Ibid., p. 174.

Grécia e o Renascimento, onde “a Kultur resultava de um crescimento lento e orgânico a partir do terreno fértil do ser social, e essa organicidade lhe dava um caráter harmonioso e grandioso”⁹². E, embora se possa protestar que em épocas passadas a cultura se colocasse disponível apenas para algumas camadas da sociedade, a proposta romântico-utópica/revolucionária que Lukács parece enxergar é a retomada desse conjunto cultural partir da revolução socialista de forma a lhe possibilitar um caráter aberto, artístico e humano para todos.

Após o ingresso no Partido Comunista Húngaro, há um momento de transição no itinerário político-filosófico de Lukács, desembocando, em 1923, na obra marxista “História e consciência de classe”. Embora já bastante afastado do romantismo, aqui e ali é possível se encontrar paralelos ou até mesmo fagulhas de uma dimensão romântica. A teoria da reificação que é desenvolvida por Lukács neste livro advém não somente daquilo que se verifica em “O Capital” de Marx, mas também das tonalidades românticas da sociologia alemã que se encontram, por exemplo, nas obras de Georg Simmel⁹³, Max Weber e Ferdinand Tönnies⁹⁴. A respeito disso, Michael Löwy aponta:

⁹² LÖWY, M.; SAYRE, R., op. cit., 2015, p. 138.

⁹³ Georg Simmel era participante do Círculo de Heidelberg e foi professor de Lukács em Berlim. Em “A Filosofia do Dinheiro” (1900), uma de suas principais obras, o pano de fundo consiste na “preponderância crescente da quantidade sobre a qualidade, a tendência a dissolver esta naquela e a substituir tudo que for determinação específica, individual, qualitativa, pela simples determinação numérica – tendência da qual a dominação cada vez mais esmagadora do dinheiro sobre a vida social é a expressão mais tocante[...] Todo universo da produção capitalista aparece como um cosmos redigido por leis internas independentes dos indivíduos e de suas vontades.” (LÖWY, 1998, p. 58).

⁹⁴ “Em *Gemeinschaft und Gesellschaft* (1887) obra que vai inspirar toda sociologia alemã até os anos 30 do século XX, Tönnies vai opor dois universos socioeconômicos, de maneira abstrata, com dois tipos de relações socioculturais: ‘Comunidade’ (*Gemeinschaft*) e ‘Sociedade’ (*Gesellschaft*) [...] a *Gesellschaft* é, com toda a evidência, a sociedade capitalista vista sob certo ângulo crítico, enquanto a *Gemeinschaft* inclui todo o campo do pré-capitalismo, idealizando-se as sociedades ‘vivas’ e ‘naturais’ do passado, em oposição ao caráter ‘mecânico’, impessoal e anticultural da sociedade industrial moderna.” (LÖWY, 1998, p. 45).

Um dos maiores méritos de Lukács é o de ter reformulado em termos marxistas, por meio da teoria da reificação, as críticas confusas e românticas dos intelectuais contra o inexorável processo de quantificação do modo de produção capitalista.⁹⁵

No capítulo “A reificação e a consciência do proletariado”, Lukács trabalha o fenômeno da reificação enquanto categoria que entende ser estrutural e essencial da sociedade burguesa em todo seu conjunto econômico e social – político, cultural, jurídico, etc. O termo traduz a maneira como a relação entre os homens é “coisificada”, ocultada e dominada por um universo de coisas – as atividades, o trabalho humano e seus produtos –, dotados de uma “‘objetividade fantasmagórica’ que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental”⁹⁶. Essa substituição das relações humanas originais e transparentes por relações racionalmente reificadas continuamente se reproduz e “penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva”⁹⁷ até o ponto em que o próprio homem é transformado:

O homem não aparece, nem objetivamente, nem em seu comportamento em relação ao processo de trabalho, como o verdadeiro portador desse processo; em vez disso, ele é incorporado como parte mecanizada num sistema mecânico que já encontra pronto e funcionando de modo totalmente independente dele, e a cujas leis ele deve se submeter.⁹⁸

Para a elaboração de sua teoria, Lukács coopta alguns elementos da crítica romântica que serão admitidos a partir de uma roupagem marxista, “não se trata de uma combinação eclética entre marxismo e romantismo, mas de uma rearticulação de certos temas de origem romântica no interior de uma

⁹⁵ Ibid., p. 30.

⁹⁶ LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018, p. 194.

⁹⁷ Ibid., p. 211.

⁹⁸ Ibid., p. 203-204.

estrutura marxista”⁹⁹, o que é possibilitado pela própria abertura, em certos aspectos – já brevemente mencionados no capítulo anterior deste trabalho –, que a obra de Marx possui para alguns fatores da crítica romântica¹⁰⁰. Isso se verifica no diagnóstico da “racionalização continuamente crescente” que infringe, no percurso do artesanato para a indústria mecânica, “uma eliminação cada vez maior das propriedades qualitativas, humanas e individuais do trabalho”¹⁰¹. Ainda de ascendência romântica, acrescem a crítica lukácsiana da reificação os elementos da mecanização e quantificação, negados-conservados e superados em um novo aspecto¹⁰².

O romantismo que atuou sobre a visão crítica de Lukács com ênfase considerável até 1919 e que passa, nos anos seguintes, por uma diluição na solução marxista que toma primazia em sua evolução política, vai ser, a partir do final dos anos 1920, encarado de forma depreciativa pelo escritor húngaro. Embora ainda em 1923 Lukács já tivesse realizado sutis ligações entre o romantismo alemão e certa tendência reacionária¹⁰³, é no final dos anos 1920 que sua posição irá tomar uma guinada rumo a hostilidade em relação a essa *Weltanschauung*. Em 1928, através de uma resenha, ele irá expressar adesão a tese de Carl Schmitt sobre o romantismo político, visto como uma expressão amorfa que se preenche pelo oportunismo de seus autores. Três anos depois, ele publicará um artigo sobre Dostoiévski onde condena o “anticapitalismo romântico” do escritor como reacionário e representante “das correntes românticas subterrâneas da pequena burguesia”¹⁰⁴. A posição principal do escrito – e que será reafirmada em outras produções lukácsianas que tocam o

⁹⁹ LÖWY, M. op. cit., 2008, p. 71.

¹⁰⁰ LÖWY, M.; SAYRE, R., op. cit., 2015, p. 140.

¹⁰¹ LUKÁCS, G., op. cit., 2018, p. 201.

¹⁰² LÖWY, M., op. cit., 2008, p. 75.

¹⁰³ Segundo Löwy e Sayre, Lukács observa o conceito de “crescimento orgânico – já utilizado por ele próprio no ensaio “Velha e nova cultura” de 1919 – como algo de “importância cada vez mais reacionária como palavra de ordem na luta contra a reificação, passando pelo romantismo alemão, pela escola histórica do direito, por Carlyle, Ruskin etc.” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 139)

¹⁰⁴ Ibid., p. 141.

tema – é o reconhecimento de uma dominância reacionária e fascista na contraditória e turbulenta coloração romântica.

Apesar dessa visão tacanha ser a dominante nas lentes de Lukács, em alguns momentos o espírito romântico de sua juventude teima em ressurgir. É o que ocorre, por exemplo, em 1934, quando ele redige um novo artigo sobre Dostoiévski com uma visão bastante positiva sobre o autor russo. Em andamentos próximos àqueles de “A teoria do romance”, a obra do escritor é apontada como “uma revolta contra a deformação moral e espiritual do capitalismo [...] uma nova luz nas trevas que ilumina os caminhos futuros da humanidade”¹⁰⁵. Não muito tempo após essa opinião o que se sucede é o retorno à posição que renga o romantismo ao conservadorismo e pré-fascismo, dando marcha à volatilidade que caracteriza o quadro.

Dentre os motivos que possam ter suscitado a cegueira ideológica que por longos anos acompanhou a visão de Lukács sobre o fenômeno romântico, Michael Löwy e Robert Sayre aventam a pressão exercida pelo stalinismo – agitador do crescimento industrial moderno que é repudiado pela veia romântica – e, também, a ascensão do nazismo que devido a sua manipulação de elementos românticos bem como, a adesão de alguns autores românticos às suas filas, foi visto “como o resultado lógico da tradição romântica reacionária da cultura alemã”¹⁰⁶.

Apesar disso, os juízos de Lukács sobre o romantismo parecem se direcionar a uma reconciliação em seus últimos anos. Se não há uma retração devidamente constituída sobre a visão de mundo, ao menos emergem algumas declarações – como a do prefácio para a reedição de 1967 de “História e consciência de classe” – sobre o valor positivo dos elementos da crítica

¹⁰⁵ Ibid., p. 145.

¹⁰⁶ Ibid., p. 140.

romântica que foram incorporados e reformulados em sua própria visão de mundo.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Ibid., p. 148.

4 CAPÍTULO 3: Antonio Cândido: o romantismo no Brasil.

No início do século XIX o Brasil era preenchido por um forte desejo de autonomia política e cultural com relação a Portugal. A condição de colônia se colocava cada vez mais incômoda às classes superiores, não só pelos empecilhos ao intercâmbio comercial e ao desejo de maior influência na governança, mas também pela retenção portuguesa da maior parte dos produtos da riqueza brasileira¹⁰⁸. O impasse com as classes dominantes é resolvido com a Proclamação da Independência, processo conciliatório que lhes garantiu manter e estender posições e vantagens. Dos problemas dos dominados, do qual a escravidão é o maior, nada se altera. A situação, conforme aponta Roberto Schwartz¹⁰⁹, é da disparidade entre as ideias liberais – francesas, inglesas e americanas que são encampadas na Independência – trazidas para nossa identidade nacional em formação e a realidade escravista.

Após a Independência, o já existente desejo de autonomia cultural se torna mais latente. Diferentemente da situação que inaugurava o século, nos anos de 1820 os elementos de difusão cultural que se iniciaram após 1808 – em decorrência da vinda da família real portuguesa – se encontram já com certa robustez. Ocorreu a criação de jornais e tipografias, a impressão e importação de livros, a criação de cursos superiores – que inclui a Academia de Belas Artes – e a chegada de brasileiros e estrangeiros de instrução científica e cultural¹¹⁰. Os anos de 1830 são marcados pela busca do particularismo, pela afirmação de uma identidade distinta de Portugal, possível de se amoldar a uma nação recém fundada¹¹¹. São as concepções e modelos românticos, seus elementos de referência a natureza e a um passado virtuoso o caminho de valorização patriótica que será trilhado e do qual se via necessidade na época, afinal, “nada melhor, para dar lustre às pessoas e à

¹⁰⁸ CANDIDO, A. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002., p. 7.

¹⁰⁹ SCHWARZ, R. **As ideias fora do lugar**: ensaios selecionados. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014., p. 49.

¹¹⁰ CANDIDO, A. op. cit., 2002., p. 12.

¹¹¹ Ibid., p. 20.

sociedade que formam, do que as ideias mais ilustres do tempo, no caso as europeias”¹¹².

Os contornos desse impulso que levará ao romantismo são inicialmente postos por Ferdinand Denis, francês que no Brasil viveu por alguns anos. Sua obra “Résumé de l’histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l’histoire littéraire du Brésil”, de 1826, imprimiu junto de um de seus conceitos fundamentais – “A América deve ser livre na sua poesia como no seu governo” – norteamentos caros ao desenvolvimento do romantismo brasileiro, como a consciência de autonomia, o “reconhecimento da posição central dos temas nativistas” e a abertura às novas tendências estéticas de oposição ao classicismo – que com frequência era relacionado às formas portuguesas¹¹³.

Nos dez anos que se seguem ao livro de Denis ocorre um processo de maturação pela intelectualidade brasileira sobre os tópicos aventados. Nesse período embrionário tem destaque o ambiente intelectual paulistano que é promovido em decorrência da criação, em 1827, da Faculdade de Direito de São Paulo. A observação do historiador Eric Hobsbawm¹¹⁴ de que o solo mais fecundo que a semente do romantismo encontra é o da juventude, especialmente a estudantil ou intelectual, parece ser bem confirmada por esse agrupamento. Referindo-se a um estudo de A. Almeida Junior, Antonio Candido aponta qual o caráter que constituía a Academia de São Paulo:

[...]menos uma escola de juristas do que um ambiente, um meio plasmador da mentalidade das nossas elites do século passado [...] o ponto de encontro de quantos se interessavam pelas coisas do espírito e da vida pública, vinculando-os numa solidariedade de grupo, fornecendo-lhes elementos para elaborar

¹¹² SCHWARZ, R. op. cit., p. 53.

¹¹³ CANDIDO, A., op. cit., 2002 p. 22.

¹¹⁴ HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000., p. 260.

a sua visão do país, dos homens e do pensamento.¹¹⁵

Fruto desse agrupamento, a “Sociedade Filomática”, fundada por alunos e jovens professores em 1833, publicou seis números de uma revista em que, de forma ainda embaralhada, foram trabalhados os temas eixo do romantismo brasileiro que na década seguinte estariam já desenvolvidos nesse agrupamento¹¹⁶.

Três anos após a fundação da “Sociedade Filomática” vem à tona o marco fundador do romantismo brasileiro: os dois únicos números da revista de título indígena “Niterói”. De iniciativa de jovens brasileiros que residiram em Paris, a revista representava o anseio de se complementar a autonomia política que se desenrolou – mediante a Independência – em um plano espiritual e estético¹¹⁷. Uma das figuras mais centrais desse momento é Gonçalves de Magalhães, responsável por retomar o ensaio de Denis e traçar um programa de renovação artística batizado pelo civismo e o nativismo que deveriam ter em mote a capacidade poética do índio. Segundo aponta Candido sobre as concepções de Magalhães, “a poesia primitiva deste [o indígena] poderia exercer uma ação regeneradora equivalente à que os cantos de Ossian exerceram sobre as literaturas da Europa”¹¹⁸.

Apesar de bastante desejosos de mudanças, a postura do grupo do “Niterói” é comedida e conciliatória – tal qual a própria Independência –, convivendo de forma branda e até trivial com a cultura oficial. Em verdade, o feitiço morno irá definir quase a totalidade da condição das obras do romantismo brasileiro do século XIX. Muito embora a literatura que se verifica nesse momento seja consideravelmente acessível, não ocorre uma comunicação entre escritor e grande público. Dentre os motivos que

¹¹⁵ CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000., p. 134

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Ibid., p. 73.

¹¹⁸ CANDIDO, A. op. cit., 2002., p. 28.

solucionam essa aparente contradição, Candido aponta o enorme número de iletrados do país, o que tornava inviável não só o diálogo efetivo com as massas, mas também a dispensa do apoio das pequenas elites¹¹⁹. Além disso, muitos escritores do período estiveram “ajustados à superestrutura administrativa”¹²⁰ o que favoreceu o conformismo.

Ainda que marcado por uma feição tibia, sem quaisquer centelhas revoltosas, o início do romantismo brasileiro tem o mérito de inaugurar a crítica literária no país e trazer a questão da autonomia à ordem do dia¹²¹. O que se segue disso é a busca, por parte dos jovens românticos, de um passado brasileiro que possa ser alvo de inspiração e legitimidade no presente. Da pesquisa que foi iniciada com este intuito, um dos resultados é o resgate da Inconfidência Mineira de 1789, que havia sido posta embaixo do tapete por seu teor republicano¹²². Por seu caráter de afirmação de identidade, independência e liberdade frente aos colonizadores, o movimento cai bem ao gosto romântico brasileiro, havendo lamentações apenas acerca de seu ânimo regionalista. Com efeito, Michael Löwy observa que em países periféricos, o desenvolvimento da *Weltanschauung* romântica tende a possuir um caráter patriótico:

o impulso inicial é essencialmente nacionalista – contra ocupantes estrangeiros ou a favor da unificação da nação – e frequentemente, por falta de uma camada burguesa significativa, dirige-se também, à primeira vista, contra uma aristocracia local em decadência.¹²³

É facilmente observável que nacionalismo era a palavra de ordem nas elucubrações românticas, o que foi encarado, sobretudo, como o ato de se

¹¹⁹ CANDIDO, A. op. cit., 2000., p. 77.

¹²⁰ CANDIDO, A. op. cit., 2002., p. 76.

¹²¹ Ibid., p. 32.

¹²² Ibid., p. 36.

¹²³ LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015., p. 77.

formular sobre coisas locais¹²⁴. Ao encontrar nas páginas recém-publicadas os lugares, hábitos e figuras sociais que lhes eram familiares, o público elevava sua percepção sobre a importância e grandeza do próprio país. A capacidade de um autor em apresentar o pitoresco nacional, particularmente o indígena, foi a forma majoritária de se auferir o valor de sua obra¹²⁵.

O auge dessa roupagem indianista do nacionalismo se deu em 1850, preenchendo tanto romance quanto poesia e tendo como representantes distintos Gonçalves Dias e José de Alencar. Contudo como o passado idealizado pelos românticos pode não corresponder à realidade, a construção que é realizada sobre o índio diz menos respeito a seus reais traços etnográficos que às qualidades cavalheirescas glorificadas nas matrizes literárias europeias. Trata-se de um processo de substituição – muito corriqueiro no romantismo brasileiro –, onde os acontecimentos e sujeitos desenvolvidos na literatura europeia são repaginados, substituídos por elementos próprios de nossa localidade com o objetivo de desempenhar igual papel que na origem: “substituem o cavaleiro pelo índio, o fidalgo pelo fazendeiro, o torneio pela vaquejada”¹²⁶. Também a glorificação da natureza – que irá acompanhar o percurso geral do romantismo brasileiro – possui este papel. Uma vez que não possuíamos monumentos e castelos, nos valíamos das densas florestas, dos grandes rios e dos pássaros multicolores.

Enquanto oposição à modernidade capitalista, a louvação das riquezas naturais, dos indígenas e das figuras regionais típicas como o gaúcho e o sertanejo – posteriormente, também trabalhadas pela veia romântica – é repleta de ambiguidades que são próprias do período. À época, importávamos uma ideologia liberal que se incompatibilizava com as práticas da escravidão e do favor – este, como aponta Schwarz¹²⁷, forma de reprodução social do

¹²⁴ CANDIDO, A. op. cit., 2002., p. 40.

¹²⁵ CANDIDO, A. op. cit., 2000., p. 139.

¹²⁶ CANDIDO, A. op. cit., 2002., p. 98.

¹²⁷ SCHWARZ, R. op. cit., p. 47-64.

“homem livre” e mecanismo de regência da vida ideológica. Havia parca industrialização e um irrisório processo de urbanização – inibido pela dominação econômica do latifúndio agrário, a competitividade estrangeira e a baixa absorção do mercado interno¹²⁸. Embora já permeassem em nossa sociedade alguns fatores típicos da modernidade capitalista como a abstração racionalista e suas consequências – resultado da ligação econômica brasileira com o comércio internacional norteador pelo raciocínio econômico burguês ¹²⁹ –, o quadro social não permitia que ocorresse uma manifestação e uma oposição romântica em sua integridade.

Resultado disso é uma dúbia posição das figuras arcaicas da simbologia do romantismo brasileiro. De forma mais virtual que real são opostas a alguns traços modernos que, de maneira carente, podem ser pinçados em alguns centros portuários mais “desenvolvidos”.

Outra tendência do romantismo brasileiro de apogeu nos anos 1850 foi a que se conhece como ultrarromântica, iniciada em 1840, sobretudo através dos estudantes de São Paulo herdeiros da “Sociedade Filomática”. Detentores de uma consciência grupal própria que é expressa, essencialmente, na literatura, na boêmia, nos grêmios e repúblicas, os estudantes possuem uma atitude de revolta espiritual e negação dos valores comuns: “em face do burguês que lhe esconde a filha e resmunga com as suas tropelias, o moço se define como alma de escol, incompreendida do mundo, fadada à infelicidade”¹³⁰.

O grupo desenvolveu um caráter multifuncional devido às repúblicas – espaços onde se situaram, ao mesmo tempo, produtor, obra e público –, fator que muito contribuiu para que se lançassem a uma maior inventividade e exploração de temas estranhos aos costumes da época como o satanismo. Com

¹²⁸ COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999., p. 241.

¹²⁹ SCHWARZ, R. op. cit., p. 49.

¹³⁰ CANDIDO, A. op. cit., 2000., p. 140.

pinceladas do que Löwy¹³¹ definiu enquanto romantismo resignado com sua guinada de visão trágica, os autores desse conjunto parecem pautar sua existência enquanto irremediavelmente melancólica, solitária e distante do restante do conjunto social. Mais do que o presente, o que parece angustiar esses estudantes românticos é o futuro. Por hora, eles eram jovens de uma expressão peculiar própria, com ideias e princípios diferentes, mas em breve sua excepcionalidade seria dissolvida na vida comum e estariam integrados na comunidade.

Nas décadas de 1860 e 1870 há uma transformação cultural e material no Brasil – o desenvolvimento de vias férreas, o progresso na produção de livros e a fundação e reorganização de escolas de ensino superior¹³². A convivência acadêmica dos estudantes de direito também vai se alterando, ao passo em que vão perdendo sua posição excêntrica vão também se conectando mais e mais à cidade repentinamente crescida até serem absorvidos por ela.

¹³¹ LÖWY, M.; SAYRE, R. op. cit.; p. 98-100.

¹³² CANDIDO, A., op. cit., 2002., p. 69.

5. CAPÍTULO 4: Considerações finais

No decorrer de uma existência longa de oposição à modernidade capitalista e crítica às suas mazelas provocadas no ambiente natural e social, a *Weltanschauung* romântica apresentou uma série de feições, defeitos e méritos.

Como alertam Löwy e Sayre¹³³, o componente da nostalgia, da idealização dos passados pré-capitalistas que integra a visão romântica pode ter implicações perigosas quando empregado de forma irrefletida – sobretudo, quando se trata de um passado mítico. A glorificação exacerbada do passado pode encobrir – ou mesmo não considerar apropriadamente – uma gama de aspectos indesejáveis quando se almeja uma sociedade permeada por justiça, equidade e liberdade.

Também a recusa genérica da modernidade – que por vezes alcança essa visão de mundo – pode suscitar na rejeição de elementos de grande utilidade para uma maior emancipação dos indivíduos. O emprego dos recursos tecnológicos atuais norteados por uma lógica distinta da lógica da mercadoria pode converter os temores dos desastres distópicos em real acréscimo de qualidade de vida – reduzindo o tempo de trabalho, ampliando o potencial comunicativo e criativo.

Apesar dessas potenciais fraturas, o romantismo logrou, ao longo da história, importantes apontamentos acerca do “caráter humanamente, socialmente e culturalmente destrutivo”¹³⁴ da modernidade capitalista. Através de um leque amplo de manifestações que incluem a literatura, a filosofia política, a pintura, a sociologia e a história, o romantismo retirou alguns dos véus do progresso que encobriam a dissolução dos vínculos sociais,

¹³³ LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e Melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015., p. 264.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 265.

a devastação ambiental, a solidão e o individualismo, a reificação, a quantificação e a mecanização do mundo.

É certo que esse potencial de diagnóstico competente que o romantismo possui nem sempre é atingido ou consegue postular uma solução coesa ante a modernidade burguesa. Na trajetória política de Lukács que brevemente foi perpassada neste trabalho é possível perceber que suas formulações iniciais, notadamente embriagadas de romantismo, vão tendo grandes saltos qualitativos conforme se vinculam a teorias sobre o proletariado e a luta de classes. Se no caso do filósofo húngaro a perspectiva romântica do início se demonstra insuficiente e faltosa com alguns aspectos da realidade, não é razão para que se jogue a criança fora com a água do banho.

O mesmo pode ser dito do romantismo brasileiro do século XIX que teve uma série de fatores lhe retraindo as capacidades revoltosas que poderiam ter tencionado a vida social. O insípido quadro de modernização do período, o cenário latifundiário e escravocrata e a dominação que dele resultou sobre a intelectualidade brasileira – ligada às elites pelo sangue e pelo favor – deu ao romantismo da época feições primeiramente conservadoras – que antes buscam legitimar o cenário arcaico proto-moderno – e seguidamente traços desesperados de resignação. No entanto algumas das figuras símbolo de autonomia e patriotismo que emergiram a partir de seu fôlego podem ainda serem utilizadas enquanto oposição às intempéries da modernidade – desde que se tomado o cuidado com os atributos irrealisticamente integrados nas figuras.

REFERÊNCIAS:

- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDIDO, A. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. **Presença da Literatura Brasileira**: das origens ao romantismo. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 6. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Os Irmão Karamázovi**. 2. ed. São Paulo: Abril, 1973.
- FREDERICO, CELSO. **Sociologia da Cultura**: Lucien Goldmann e os debates do século XX. São Paulo: Cortez,
- HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**: 1789-1848. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LÖWY, M. **A Evolução Política de Lukács**: 1909-1929. São Paulo: Cortez, 1998.
- LÖWY, M. **Romantismo e Messianismo**: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LÖWY, M. **Judeus Heterodoxos**: messianismo, romantismo, utopia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e Melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LUKÁCS, G. **A Teoria do Romance**. 2. ed. São Paulo: Duas cidades/ Editora 34, 2009.
- LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre a dialética marxista. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

SCHWARZ, R. **As ideias fora do lugar**: ensaios selecionados. São Paulo:
Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.